Poder e aparência – incontornáveis questões da Teoria de Moda

Power and appearance - unavoidable issues of Theory of Fashion

Mara Rúbia Sant'Anna[1]

Resumo: Revisão bibliográfica e proposta analítica sobre as relações entre poder e aparência no âmbito da moda.

Palavras chaves: aparência, poder, moda

Abstract: Review literature and analytic proposal on relations between power and appearance as part of fashion.

Keywords: *appearance; power; fashion*

A relação da imagem com o poder está banalizada nos comentários que se faz constantemente sobre o papel da mídia no mundo contemporâneo. Contudo, mais do que uma evidência é necessário pensar criteriosamente como se dá essa relação.

A metodologia deste estudo fundou-se no levantamento bibliográfico, o qual contou com a possibilidade de leitura de diversos textos que não existem traduzidos para o português durante o doutoramento da autora na França. Acompanhando o levantamento bibliográfico realizou-se uma síntese criteriosa das idéias expressadas pelos diferentes autores, agrupando-as em categorias semânticas conforme o enfoque dado. Posteriormente, a partir desta classificação se compôs um trabalho argumentativo que se desenrolou das considerações mais consensuais para as mais irreverentes e que permitiam a relação direta entre o exercício do poder e a constituição de uma aparência considerada ideal e logo apta a ser constituída como modelo aos demais sujeitos sociais.

O resultado deste estudo teórico é o que se vê a seguir.

O poder como objeto de investigação

[1] Doutora em História pela UFGRS, autora do livro "Teoria de Moda" pela Estação das Letras, professora efetiva do Departamento de Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina e membro permanente do PPGH, área de Concentração "História do Tempo Presente", UDESC e líder do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq "Moda e Sociedade". brasilporsuasaparencias@hotmail.com

Georges Balandier considera que "todo poder requer uma representação, um *decorum*, um cerimonial e suas pompas, uma distância em relação aos súditos" (1997, 103), para efetivar-se como tal. Contudo, se ao estudar as sociedades africanas, o autor localizou o sentido da ritualística num conjunto mítico, que fazia com que a "encenação social" sempre se mantivesse como tal, para a historicidade moderna ocidental a ritualística está firmada na alternância da *coreografia* e na exigência aos *atores* de rápida adaptação aos *novos enredos*, dando, dessa forma, outros sentidos às estratégias de poder, não mais firmadas na fixidez, mas sim na fluidez, na efemeridade da vida contemporânea[2].

Charles Chaumont (1987), outro pensador francês, considera que toda verdade é constituída pela sublimação de um valor revestido em realidade, que, de fato a camufla sob a aparência estonteante e bajuladora de um absoluto. Por isso, o poder mesmo sendo permanente contradição, revelando constantemente um desequilíbrio e desarmonia de forças, é capaz de instituir-se devido às relações de convicção entre quem o detém e aqueles que o admitem. Dentre outros coisas, Chaumont analisa que a beleza é uma das verdades que se constituiu tão indispensável como inútil, porque, sendo a conceituação de beleza ocidental firmada no equilíbrio harmonioso das formas, ela está fortemente associada à idéia de ordem, e, assim, tudo que é belo é bom, legítimo e produz, agregada ao poder, um julgamento de valor positivo ao exercício daquele. Tais relações de convicção e valor atribuído à beleza são, neste artigo, entendidas como sendo práticas de sedução.

Peter Blau (In: BIRNBAUM, 1975), também, considera que o poder é a capacidade de influenciar pessoas para realizarem o que o mandante deseja, sendo que o mandado aceita estas orientações por ser atraído à ação por ver nela vantagens para si. Harold D. Lasswell e Abraham Kaplan, por sua vez, atêm-se a observar o poder menos absoluto e mais espraiado nas diversas situações sociais. Afirmam:

---

[2] Toda a estrutura social das monarquias modernas européias enfatizou a presença das etiquetas como estratégia de poder. Contudo, naquela configuração social, havia um centro no qual a imagem ideal era criada e devia ser rigidamente copiada ou a ela subordinada – o monarca. Nessa condição histórica é inapropriado considerar a existência de uma mesma historicidade entre as monarquias absolutistas e a sociedade moderna narcisista. Jean Marie APOSTOLIDES, 1993, explora convenientemente a relação entre etiqueta e estratégias de poder no reinado de Luís XIV, enfatizando a construção do Estado francês e das sociabilidades modernas por meio delas. Contudo, ao final, indica, claramente, a distinção a ser considerada entre a aparência e o poder, no contexto monárquico e no da sociedade do Capital.

> o poder é a participação ao processo decisório: uma pessoa X exerce poder sobre uma pessoa Y em relação a valores K na medida em que X participa ao processo decisório que afeta as políticas K que Y quer colocar em serviço (...) o processo político é a elaboração, a distribuição e o exercício do poder (implicando, em um sentido mais amplo, os valores de deferência ou de maneira mais geral, de influência) (In: BIRNBAUM, 1975, P 54)

Portanto, essas discussões em torno do que seja o poder transitam sobre uma base tríplice: o mandante, o mandado e a área de domínio sobre a qual o poder busca ser exercido. Essa equação permite que seja pensada a relatividade dos poderes, pois não há mandante nem mandado absoluto. Ambos se submetem ao papel que assumem na proporção de um campo que lhes interessa. Assim, Friedrich (1937) defende que nem as coisas, nem as idéias têm poder em si; elas podem tornar-se instrumentos nas mãos de quem o procura. Para tal, é preciso encontrar sujeitos que apreciem suficientemente essas coisas, para aceitar obedecer a suas ordens.

Segundo Sophia Mappa (1996), toda estratégia de poder constituída implica num reconhecimento de "não ser" combinado com um de "ser", ou seja, aquele que é seduzido pela estratégia o é por considerar-se alguém desprovido de um "ser" que o outro possui, sendo que a intensidade dessa sedução será maior quanto maior é a intenção de "ser" como aquele que já o é. Conseqüentemente, aquele que "é" tem um poder legitimado e sua estratégia é eficaz, ele não apenas influencia, ele, principalmente, torna-se modelo e tem *a priori* delegado a vontade de outrem, que não é outra que não a dele própria.

Esses pensadores divergem das concepções de poder como propriedade daquele que o detém, e defendem o poder como relação. Segundo Mappa (1996), o poder deve ser analisado como objeto da ação social e nos termos de Eugène Enriquez: "o poder torna-se o jogo essencial da vida social" (In: MAPPA, 1996, 58).

Pierre Birnbaum, em seus diversos livros sobre a sociedade francesa e a história da constituição das forças políticas na França, a partir da V República, analisa que a reconfiguração das elites de poder ocorreu no sentido da substituição de um grupo político tradicional, formado pelo representante sindical, o líder operário, os homens de fortes vínculos comunitários com sua base eleitoral por um novo grupo, firmado em seu prestígio pessoal, advindo, principalmente, de uma formação acadêmica que os habilitava à atuação política centrada na racionalidade dos métodos de planificação do Estado e da sociedade. Em seus termos: "esses grupos não detêm nem grande riqueza

nem meios de produção nem poder; eles se beneficiam somente por vezes de um certo prestígio" (BIRNBAUM, 1977, 72). Prestígio que advém de uma aparência construída a partir de signos como juventude, vanguarda e beleza.

Portanto, mesmo que haja no capitalismo estruturas capazes de reproduzir os privilégios de uma geração a outra, as elites de poder não se renovam automaticamente pela mera transferência de recursos econômicos ou de conhecimento. Em muitas situações, a reconversão interna dos membros dessa elite, pela adoção de novas estratégias de poder é que assegura sua permanência na participação dos processos decisórios. E, como considera Robert Dahl (In: BIRNBAUM, 1975) somente é pertinente afirmar que há uma elite de poder quando for possível localizar diferentes preferências de tempo em tempo.

Dessa forma, ter poder, numa configuração social na qual a Moda se constitui como um *ethos*, é ter competência e não necessariamente propriedade, como a visão clássica do liberalismo defendia. Nas palavras de Balandier: "as representações atuais do poder implicam a afirmação da competência. (...) Mais que de ordem simbólica, suas aparências [do poder] são hoje de ordem técnica, diferente das que revestiam as das sociedades do passado" (1997, 110).

Dentro desse contexto da sociedade contemporânea, que avança em sua complexidade, a inovação permanente torna-se condição *sino qua non* de sua própria manutenção, retroalimentação, e como tal "ela torna-se a lei da modernidade a que cada um deve se submeter, sob o risco de morte política" (BALANDIER, 1997, 110)[3]. Ter poder é dominar a tecnologia, a possibilidade da inovação, é ter competência de lidar com o *novo*. O poder, portanto, estabelece-se por meio da competência de apropriação do *novo* e a disputa por este se sustenta na constância da inovação. Essa é que garante a dinâmica do poder e mantém as competências sempre fluidas, em busca da atualização permanente, sob a ameaça de esvaziar-se na primeira revolução tecnológica, científica ou cultural.

Eugène Enriquez concebe que a forma populista de poder, comum a diferentes sociedades republicanas, elaborou variados tipos de poder, como o carismático, segundo M. Weber o caracterizou; o burocrático ou tecno-científico, tal

[3] Ver também a poética de Charles BAUDELAIRE, em **Modernidade.**

como Merton, Gouldner e Crozier o analisaram; ainda o tecnocrático, que, diferente do anterior, visa quase que de modo exclusivo a excelência no desempenho econômico; o democrático, que teoricamente não deve ser descartado e, por último, o tipo de poder estratégico, que negocia com maior obliqüidade o poder e a massa. O sujeito capaz de exercer o poder estratégico é, nos termos de Enriquez, o "matador", pois ele mescla a candura sedutora com a impiedade temível. Sua ação é sempre teatral:

> De fato, pela estratégia sabe que ele deve se mostrar, cooptar seus colaboradores, fazer exaltar suas marcas de sucesso. Essa teatralidade não é eficaz senão se o 'ganhador' manifesta em sua conduta traços histéricos, ou seja, é suscetível de erotisar a seu favor as relações sociais e libidinalisar sua palavra (...) e para alcançar seu objetivo, de ser simultaneamente justo, sensível, compreensivo e duro, senão impiedoso.(In: MAPPA, 1996, 88).

Logo, o líder, aquele que exerce o poder não se impõe como o único com direito a exercê-lo; ele se transfigura em modelo, evocando uma comunidade da qual supostamente ele faz parte. Como representação desse grupo é preciso que ele "seduza, persuada, jogue charme, anime e saiba jogar com as aparências." (ENRIQUEZ In: MAPPA, 1996, 92).

Mike Burke (1991), menos desolado que Enriquez, concebe que o poder no mundo atual é cada vez menos direto e cada vez mais eficaz em sua obliqüidade. Enfatiza que o poder conceitual, aquele onipresente na idéia de Estado e leis, é o único admissível frente a frente. Todos os demais, que intitula de operacionais, só conseguem viabilidade na ação circunstancial e na não evidência de poder e, principalmente, quando uma condição mínima é estabelecida entre o sujeito do exercício da influência e o sujeito do poder: a percepção de que o primeiro é alguém prestigiado, com o qual o segundo gostaria de se identificar ou quando, naturalizada a condição de modelo desse primeiro, o segundo não identifica propriamente sua influência e supõe agir segundo sua própria vontade. Para a constituição dessa condição de modelo, Burke considera que não há uma teatralização maquiavélica, como Enriquez acentua, mas uma ação carismática, somente possível porque é fundada na possibilidade de juntar sujeitos em torno de objetivos específicos que, inicialmente, não seriam os seus, combinada com uma grande capacidade, particular ou social, de compreender as aspirações das pessoas e dar-lhes um sentido coletivo, fazendo-as convergir para um projeto comum.

Ao se rever os teóricos sobre poder não se pode deixar de citar e analisar as idéias de Michel Foucault. Este renomado teórico francês, na primeira parte de suas

obras[4], desenvolveu uma abordagem das relações entre os saberes que corresponde as condições modernas de exercício do poder. Analisando as instituições e seus discursos carregados de coerência e autoridade científica, sugere aos seus leitores a compreensão do poder como normalização que se articula com o social através de um conjunto de enunciados associados na experiência cotidiana da vida, os quais automatizavam condutas, disciplinavam os corpos e os desejos. Foucault desenvolveu um entendimento de poder como prática social que só se constituí historicamente e só em sua historicidade pode ser interpretado efetivamente.

A partir de 1975, com suas obras "Vigiar e Punir" e "História da Sexualidade"[5], sua proposta metodológica tomou novos vetores e partiu da arqueologia do saber à genealogia do poder, abordando esse como um instrumento de análise capaz de explicar a produção dos saberes e passando a enfatizar o sujeito como uma produção do poder e do saber. Desta forma, passou a considerar que as competências instituídas em diferentes âmbitos[6] produziam uma intersecção sobre a subjetividade dos sujeitos que, ao delimitá-los por um saber, construía as relações dele consigo mesmo e com os outros. Portanto, o poder não seria passível de ser analisado em sua genealogia em dimensão macro, nas instituições vinculadas ao Estado, mas somente nos campos infinitesimais dos mecanismos e técnicas do poder presentes no cotidiano, através do saber produzido e que situavam os sujeitos no mundo e este neles.

Portanto, possuir poder na configuração social emergida após a Segunda Guerra Mundial, passa fortemente pela competência de arregimentar pessoas em torno de si, não numa evidência chocante de poder, mas através de uma sedução que começa na proposição de si mesmo como um modelo: atual, inovador, portador de soluções e mensagens ainda não vistas e que propõe um novo ao social. Um *novo* que cada sujeito pretende ser e que o sistema de moda, em suas maquinações, explora como promessa e devir na medida em que produz por meio de suas inovações tecnológicas ou apenas discursivas a sensação de um novo fundamental e incontornável para a realização do sujeito.

---

[4] Em **História da loucura,** de 1961; **O Nascimento da Clínica**, de 1963, por exemplo.

[5] Em **Vigiar e Punir**, de 1975 e **História da Sexualidade**, primeiro volume "A vontade de saber", de 1976, como também nos artigos de sua última década a questão é bem elucidada. Ver a respeito do assunto FOUCAULT, 1992, "Introdução – por uma genealogia do poder" de Roberto Machado.

[6] Alain TOURAINE, 1995, analisa os pressupostos de Foucault relativos ao poder e a relação destes com a modernidade.

A aparência como campo de constituição de subjetividades

A validade do trabalho com a aparência reside na compreensão de suas intersecções na constituição dos sujeitos e nas relações constituídas entre eles. Além disso, pode-se considerar sua fertilidade interpretativa na medida em que não está regida pelos limites dos discursos formais propostos pela linguagem escrita. A aparência, conforme Bollon, "repousando sobre a elaboração de imagens e de símbolos, sempre aparece como um modo de expressão infinitamente mais sensível e sutil, maleável porque permanentemente contraditório e para sempre inacabado, por isso poético e profético" (1993, 164), trazendo ao seu observador mais indícios, pistas do que a linguagem formal, cujo domínio da lógica e seu principio da não-contradição limita a dinâmica ambígua dos desejos, vontades, impulsos e motivações humanas.

A aparência não é ideologia no sentido que as teorias mais formais propunham. Ela pode ser entendida como dimensão da experiência social que mediatiza a apreensão das representações construídas, não como instrumento, tal como os óculos fazem aos olhos deficientes, mas como *substância*, que delimita, condiciona e significa a mensagem. Tal como na expressão plástica em que forma e conteúdo são indissociáveis, tal como a fé é sustentada nos gestos de sua expressão, a aparência é o possível, que através de sua maiêutica[7], nos insere, nos representa e nos constitui no mundo social.

Michel Maffesoli (1996), inspirado em Nietzsche, estabelece interpretação societal do tempo presente, através da delimitação de uma ética-estética, na qual toda a vida cotidiana é também entendida como uma obra de arte e assim vivida pelas impulsões do prazer. Do *homo sapiens*, definido na lógica racionalista, o autor defende a existência do *homo estheticus* o qual, com sua afetividade, encontra nas coisas diárias uma centralidade subterrânea que o significa.

Dentro de tal configuração social as ponderações relativas às classes sociais[8] tornam-se imprecisas, pois os quesitos de pertencimento a uma classe social estão

---

[7] Cf. BOLLON, 1993. Ao analisar a figura de George Bryan Brummell. O termo maiêutica é utilizado em seu sentido primário, ou seja, não como o modelo pedagógico desenvolvido por Sócrates que buscava ensinar seus discípulos através da descoberta das coisas por eles mesmos, mas sim como a "arte da parteira", o que é possível de dar à luz o conhecido. Nesse sentido a aparência é o possível entre as coisas e as idéias delas.

[8] BOURDIEU, 1989 com suas teorizações sobre *habitus* e campos de poder, debate a imprecisão do paradigma classes sociais.

subordinados ao pertencimento às redes sociais, nas quais são as motivações de ordem afetiva que determinam a filiação dos sujeitos. "A estética terá, portanto, por função ressaltar a eficácia das formas de simpatia e seu papel de 'laço' social no novo paradigma que se esboça." (MAFFESOLI, 1996, 33). Os novos grupos detentores do poder não correspondem diretamente aos proprietários dos meios de produção e aos que usufruem da exibição de riqueza. As elites modernas se constituem de maneira mais sutil e manipulando novas ordens de poder[9].

Também nesta lógica se deduz uma forma diferenciada de compreender a individualidade, cuja lógica de identidade é superada por uma lógica de identificação, ou seja, o sujeito deixa de ser analisado como uma individualidade autônoma, que por si mesmo constrói uma identidade e passa a ser visto como individualidade heteronômica construída na relação com o outro, na visão que os outros fazem dele e no desejo que o move nesta identificação de si próprio. Então, diferentemente do narcisismo grego, na contemporaneidade, tem-se um "narcisismo" coletivo a espraiar-se no social. Como narcisismo, a tônica da relação entre os sujeitos é a dimensão estética, promovendo uma paixão partilhada pela forma. Neste contexto de busca de uma aceitação coletiva/grupal, o valor tribal é o cerne de constituição do *Lebenswelt*[10], ou seja, um mundo da vida que conecta os sujeitos de modo inconsciente, sendo a própria ética da estética, "isto é, o que permite que a partir de algo que é exterior a mim possa se operar um reconhecimento de mim mesmo" (MAFFESOLI, 1996, 38). Nessa alteridade constitui-se a percepção de si, cuja consciência pode resultar de um outro eu-mesmo, "outrem, um outro enquanto outro: objeto, um outro enquanto qualquer outro: a alteridade ou a deidade" (MAFFESOLI, 1996, 39).

Toda aparência, portanto, constrói uma estética social[11], cuja principal função é de se constituir como *ethos*, estabelecer uma ética. Maffesoli (1996) considera que toda estética social organiza-se em torno dos seguintes pivôs: a prevalência do

---

[9] Ver também MAFFESOLI, 2002. Neste trabalho o autor explora prioritariamente a questão de uma "cultura do sentimento", a responsável pela transfiguração do político. Tal cultura é firmada sobre a aparência.

[10] Terminologia instituída por Edmund Husserl, que se opõe ao Lebenssumwelt de Kant, é foi definido como um mundo vital, ou mundo da vida. É uma categoria da fenomenologia que se opõe à visão transcendental de mundo ou sociedade. Segundo Husserl é o real no sentido pré-reflexivo, o mundo da experiência humana, considerado anteriormente a qualquer tematização conceitual. Heidegger, Merlau-Ponty e Habermas exploraram a categoria e avançaram em sua aplicação, assim como Maffesoli que aqui exploramos. Ver. CHAUÍ, 1975 e HABERMAS, 1989, Tomo II.

[11] Ver a respeito da função estética na sociedade MUKAROVISKY, 1988, pp.22 – 90.

sensível, a importância do ambiente ou do espaço, a procura do estilo e a valorização do sentimento tribal; esse conjunto, podendo mesmo caracterizar a cultura sob um determinado aspecto, é definido como "formismo". Essa categoria deposita na aparência a responsabilidade social de estabelecer as relações entre os sujeitos e mesmo entre os diferentes grupos sociais, tornando-a tanto expressão quanto meio de diferenciação e constituição de si. Com essas lentes de interpretação do mundo social, o corpo de cada sujeito é espaço de teatralização do texto que ele expõe aos seus pares. Nessa exposição-enunciação não apenas diz como deseja ser visto, como também constrói em si uma auto-imagem que o significa para ele.

Portanto, tem-se a forma ou a aparência como agente social e assim cada grupo constitui uma textualidade própria composta pelos pequenos textos que cada corpo porta, constituindo formas exclusivas e um corpo imagético em sua historicidade, cujo cerne gera e movimenta relações de poder.

Nessa dimensão da aparência é possível, então, situar os contornos do poder, os quais se situam na relação da aparência com a construção dos sujeitos e, em especial, das relações de poder permeadas por uma discursividade visual que extravasa a dimensão lógica racional do verbal e que integra o sujeito ao social, constituindo novos grupos de elite.

No trabalho clássico de Bertrand Russel, o autor define o poder como "a produção de efeitos desejados" (1957, 24) e busca esquadrinhá-lo em diversos níveis que vão do econômico ao de formador de opinião. Enfatiza Russel, em sua argumentação sobre os diferentes níveis de poder, que a significação e a forma desses estão sempre em conformidade com o momento no qual ele é expresso. Segundo suas idéias, a opinião é onipotente e todas as formas de poder derivam dela, contudo, não se difundem pela persuasão lógica, mas pela crença que é desenvolvida em torno da opinião emitida, tornando-a consenso de verdade. A persuasão começa envolvendo a poucos, cujo poder de outras instâncias levará à submissão de uma outra parte àquelas idéias adotadas pelos primeiros e, a partir daí, surgirá uma "crença que a idéia difundida é natural e verdadeira, levando a maioria a adotá-la como tal" (RUSSEL, 1957, 110).

Destaca-se o cerne de sua questão nessa relação entre o saber, o poder e sua fascinação irracional. O filósofo afirma que a crença na suposta verdade, que atribui

poder ao seu defensor, resulta não do apelo dos fatos, mas dos sentimentos agradáveis que proporciona, somada a uma plausibilidade de sua realização, associada a uma repetição incessante de sua validade. Desta forma, a verdade é resultante do desejo, associado à evidência construída e à repetição.

Russel estrutura as relações de poder de forma extensiva e hierarquizada, privilegiando a ciência, a autoridade legal e a razão nelas implícitas. Mesmo sem fazer qualquer referência à instância da aparência, centra sua lógica argumentativa na dimensão estética[12] e exemplifica:

> Se, em nome da razão convidarmos um homem a modificar os seus propósitos fundamentais (...) fracassaremos, e mereceremos fracassar (...), mas se pudermos provar (...) que possuímos um meio de facilitar a satisfação dos desejos existentes, podemos esperar, com um certo grau de confiança, que os homens acabarão, no fim, por acreditar naquilo que dizemos. (RUSSEL, 1957, 112)

Portanto, por mais forte que fosse a autoridade da razão, seria através da promessa de satisfação de um desejo que o homem se submeteria, ou seja, a manipulação do campo emocional seria a estratégia básica do poder. A expressão do poder, a partir da segunda metade do século XX, se firma na fluidez de seus signos, que atrelados aos objetos efêmeros, exige de seu detentor a maleabilidade, a forte capacidade de inovação e apropriação de uma aparência idealizada, a fim de constituir a encenação factual de seu domínio.

Desde então aparência e poder são indissociáveis e não é por acaso que foi neste mesmo contexto que o Sistema de Moda realizou sua mais expressiva guinada instituindo, segundo os termos de Lipovetsky (1989), a Moda Aberta.

Conclusões

Portanto, possuir poder na configuração social emergida após a Segunda Guerra Mundial, passa fortemente pela competência de arregimentar pessoas em torno de si, não numa evidência chocante de poder, mas através de uma sedução que começa na proposição de si mesmo como um modelo: atual, inovador, portador de soluções e mensagens ainda não vistas e que propõe um novo ao social. Um *novo* que cada sujeito pretende ser e que o Sistema de Moda, em suas maquinações, explora como promessa e

---

[12] É relevante ponderar que ele é o autor de um livro que continua a ser reeditado, "O elogio ao ócio", no qual desconstruiu a idéia de que o trabalho seria uma impulsão natural à vida humana.

devir na medida em que produz por meio de suas inovações tecnológicas ou apenas discursivas a sensação de um *novo* fundamental e incontornável para a realização de si.

Referências bibliográficas:

APOSTOLIDES, Jean Marie. **O rei máquina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

BALANDIER, Georges. **Le pouvoir sur scènes**. Paris: Balland, 1980.

_____. **O contorno:** poder e modernidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUDELAIRE, Charles Pierre. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BOLLON, Patrice. **A moral da máscara**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BIRNBAUM, Pierre (Org.) **Le pouvoir politique**. Paris: Dalloz, 1975.

_____ . **Les sommets de l'État:** essai sur l'élite du pouvoir en France. Paris: Seuil, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BURKE, Mike. **Styles de pouvoir**. Paris: Dunod, 1991.

CHAUÍ, Marilena (Org). **Edmund Russerl:** Investigações lógicas, sexta investigação e Maurice Merleau-Ponty – textos escolhidos. São Paulo: Victor Civita, 1975.

CHAUMONT, Charles. **Le secret de la beauté:** essai sur le pouvoir et les contradictions. Paris: Seuil, 1987.

ENRIQUEZ, Eugène. Pouvoir et gouvernement des hommes. In: MAPPA, S. (Org.) **Puissance et empuissance de l'État – les pouvoirs en question au nord et au sud**. Paris: Karthala, 1996.

FOUCAULT, Michel. A vontade de saber. In: **História da Sexualidade.** 1976. v.1.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992

_____. **O Nascimento da Clínica**, 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

FRIEDRICH, C.J. **Constitutional government and politics**. Harper, 1937.

HABERMAS, Juergen. **Teoria de la accion comunicativa,** t omo II: crítica de la razón funcionalista. Madrid: Taurus, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **La transfiguration du politique:** la tribalisation du monde postmoderne. 3. ed. Paris: La Table Ronde, 2002.

MAPPA, Sophia (Org). **Puissance et empuissance de l'État :** les pouvoirs en question au nord et au sud. Paris: Karthala, 1996.

MUKAROVISKY, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da Arte**. Lisboa: Estampa, 1988.

RUSSEL, Bertrand. **O poder:** uma nova análise social. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de Moda:** sociedade, imagem e consumo. Estação das Letras. São Paulo, 2007.

TOURAINE, Alain .**A modernidade em crise**. Petrópolis, Vozes, 1995.